

ENTRELAÇOS ENTRELAÇOS

memórias periféricas

Por Caio César e Mariana Gonçalves

PONTO INICIAL E PONTO FINAL

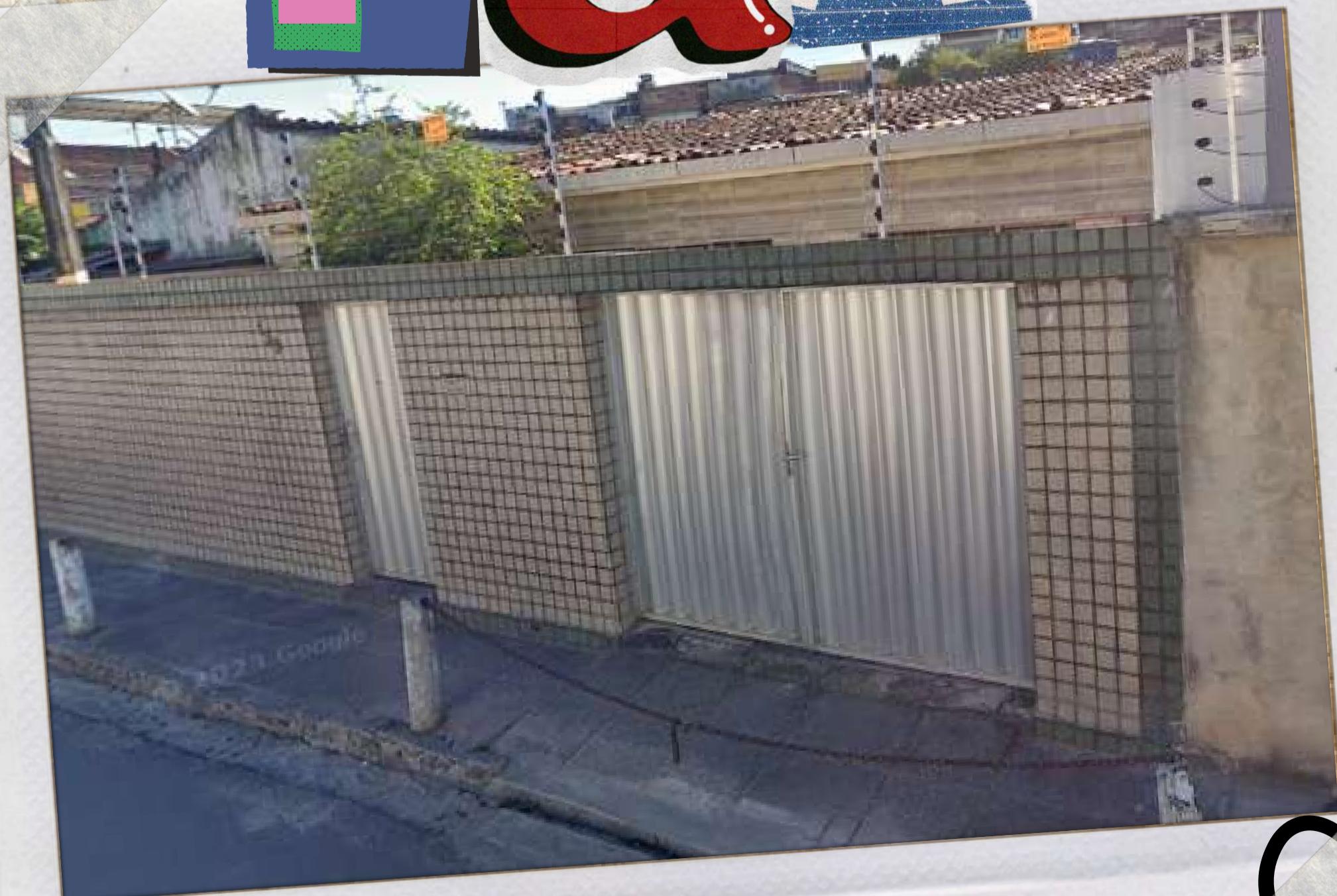
Av. Dr Eurico Chaves



Rua Pastor Evangélico
Benoby Carvalho de Souza



rUA

The word "rUA" is written in large, bold, stylized letters. The letters are composed of different colors: the 'r' is pink, the 'U' is red, and the 'A' is blue. The letters have a distressed, torn-paper texture.

ESQUINA ESQUINA

Quem tem o lápis? Quem é o autor? Quem está escrevendo nossas memórias? São perguntas que fizemos ao longo do processo criativo deste projeto. As memórias existem para diversas pessoas e elas, às vezes, são o combustível para o nosso cotidiano. As imagens, as pessoas queridas, os amigos, a família, os momentos, eles são eternizados num espacinho do nosso cérebro, e usados para nos lembrar de quando e como somos ~~mos~~ ~~os~~ felizes.

Porém, esses lugares, cenários que ambientam nossas memórias afetivas e felizes estão sumindo, ora apagados por borracha, ou até mesmo sendo derrubados por retroescavadeiras. que, sem receio, destrói nossos lares e em parte, até um pedaço de nós mesmos.

Por isso, o intuito deste livro é coletar e embarcar em viagens pelas histórias de pessoas que quase sempre são invisibilizadas na mídia e no jornalismo. É trazer memórias que fizeram parte de um povo, que por muito, foi impedido de falar sobre suas vivências. É hora de pegar o lápis, o papel e trazer o “velho novo”: momentos que sempre estiveram guardados e ninguém contou ou que estão fora dos elementos de noticiabilidade e estereótipos sociais (mortes, tragédias, racismo ambiental).

Se prepare para abrir as fronteiras e olhar para algumas ruas das comunidades da Zona Norte do Recife – compostas de casas amontoadas, algumas coloridas, algumas de aparência mais simples, humilde, mas que há pessoas, e sobretudo muitas histórias dignas de serem relatadas. O início da rua.

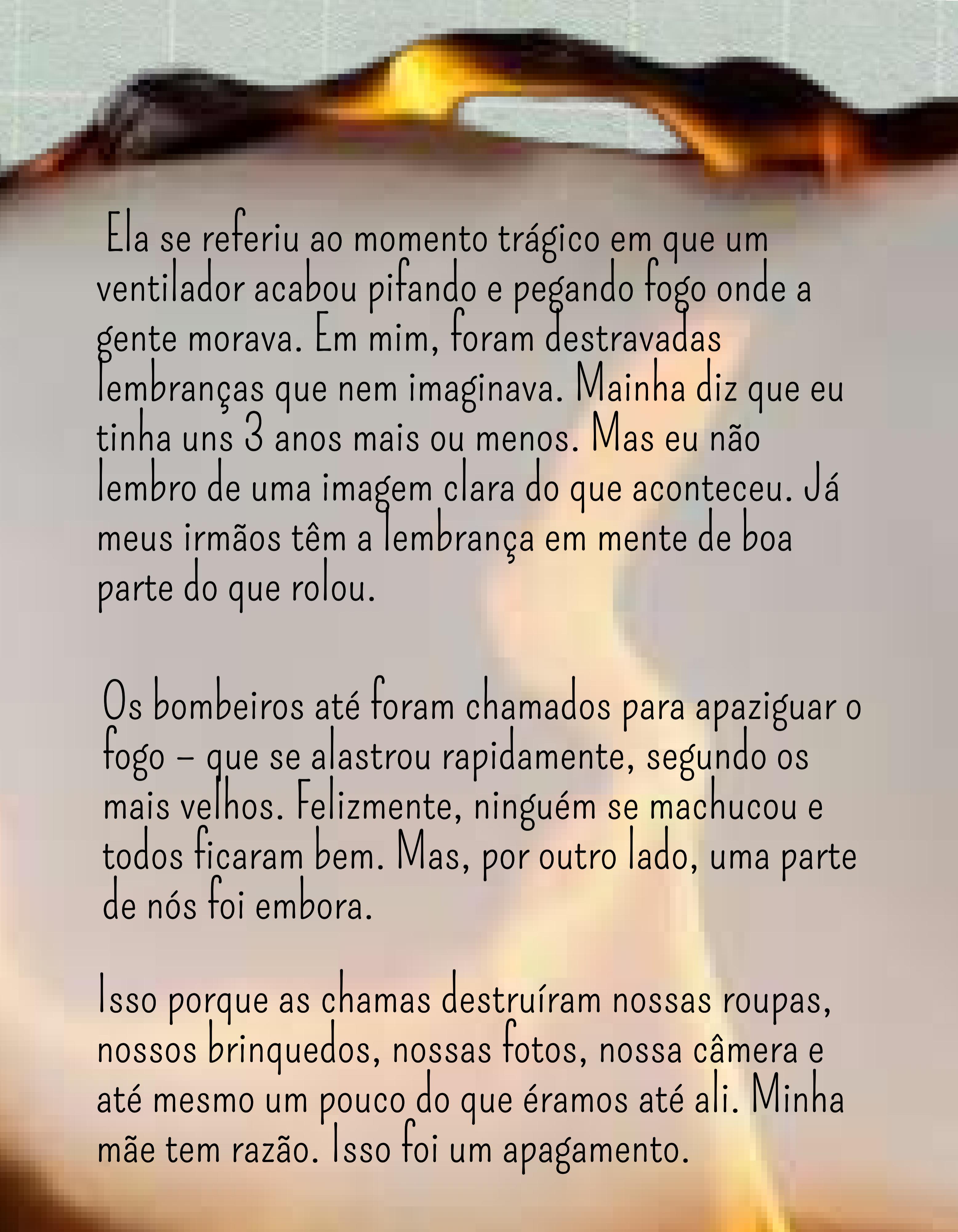
LOGRADOURO



CASA DA AVÓ

Há alguns anos minha mãe me falou de uma história esquisita. Ela dizia que houve um apagamento de várias lembranças da nossa infância e família. E ao escutar ela falar eu me questionava “ como é possível apagar memórias de diversas pessoas ao mesmo tempo ? ”

Por um momento até cheguei a cogitar se tratar de uma brincadeira dela, ou até mesmo de uma referência ao filme “Como se fosse a primeira Vez” – filme tradicional da sessão da tarde nos anos 2000 com Drew Barrymore, no qual a protagonista sofria perda de memória e a família e amigos se mobilizaram para passar a sensação de que todos os dias era o mesmo dia em que aconteceu um trágico acidente que a deixou com a comorbidade. Não, eu estava muito enganado. Na verdade, mainha estava falando do incêndio que aconteceu na casa de vovó, lugar onde passei a maior parte da vida. Na época, década 00's, eu morava com meus avós, minha mãe e tios e foi onde eu cresci e aprendi muita coisa e até construir muito do homem que sou hoje.



Ela se referiu ao momento trágico em que um ventilador acabou pifando e pegando fogo onde a gente morava. Em mim, foram destravadas lembranças que nem imaginava. Minha diz que eu tinha uns 3 anos mais ou menos. Mas eu não lembro de uma imagem clara do que aconteceu. Já meus irmãos têm a lembrança em mente de boa parte do que rolou.

Os bombeiros até foram chamados para apaziguar o fogo – que se alastrou rapidamente, segundo os mais velhos. Felizmente, ninguém se machucou e todos ficaram bem. Mas, por outro lado, uma parte de nós foi embora.

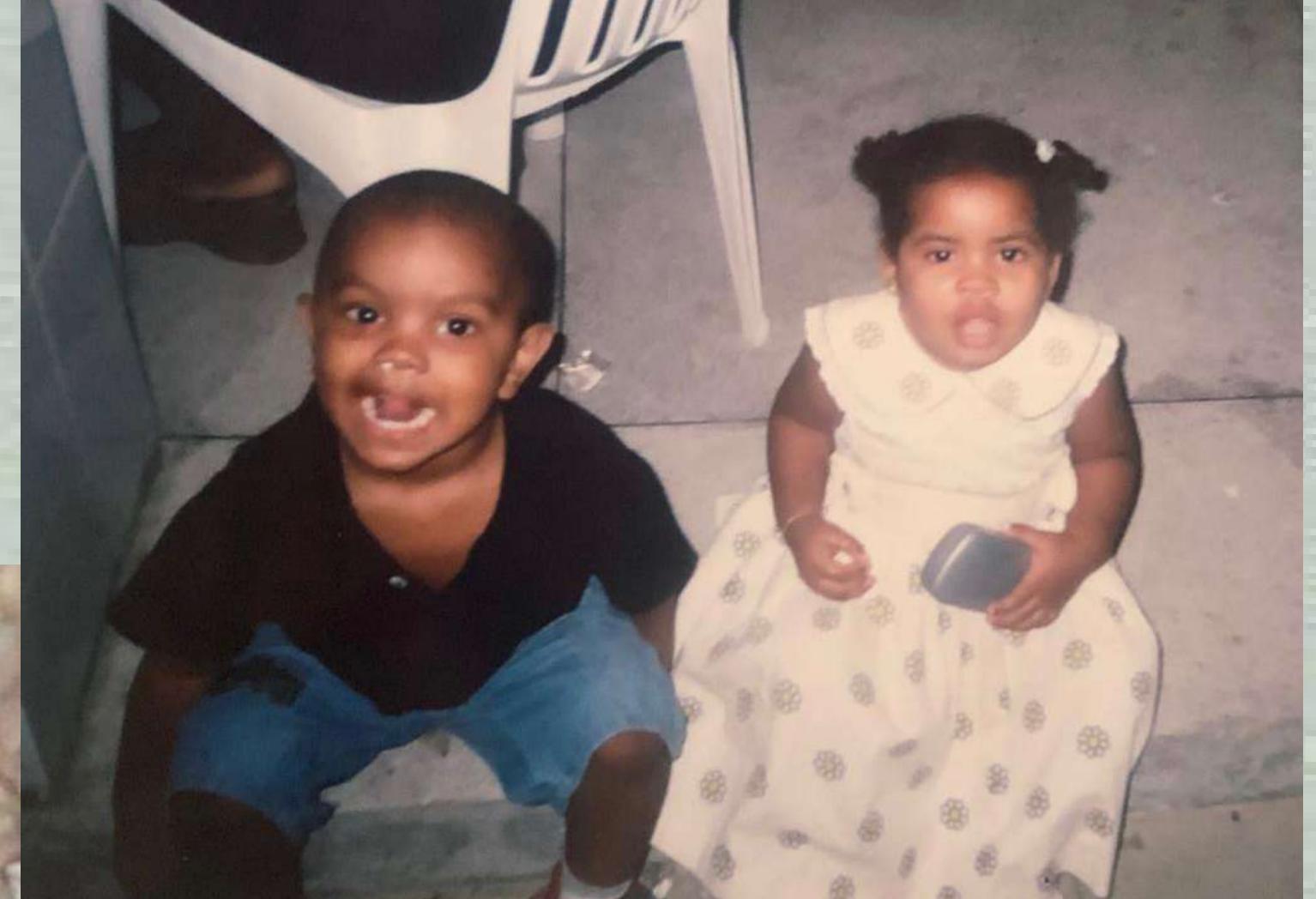
Isso porque as chamas destruíram nossas roupas, nossos brinquedos, nossas fotos, nossa câmera e até mesmo um pouco do que éramos até ali. Minha mãe tem razão. Isso foi um apagamento.



Até hoje, o cheiro de fogo, ou de coisas queimadas me trazem um aspecto familiar, como se eu tivesse sentido por muito tempo aquele aroma. As roupas, com dificuldade, mainha disse que conseguimos recuperar e até chegamos a receber doações de parentes e vizinhos. No entanto, as imagens, até mesmo minha de recém-nascido, da minha mãe grávida, ou de outros momentos históricos, são impossíveis de serem recuperadas. Pouco registros restaram. A casa de vovó, que fica na Avenida Doutor Eurico Chaves, é própria, de herdeiro' ela ganhou o terreno de seu pai, e lá é o alicerce da minha família.



Se algo acontece, é lá que as pessoas vão. Se alguém falece, ou fica doente, é lá que se procura abrigo/conforto. Se tudo der errado e você ficar sem onde morar, sempre tem um espacinho para dormir lá. Inclusive, a Rua – chamada de Mandacarú – fica na divisa entre o Alto Santa Isabel e o Alto do Mandú, ela é mais do que um conglomerado de casas, é um ponto cultural. Na mesma rua, fica o Veneno Esporte Clube, que já foi uma boate, casa de festa, espaço para diversas pessoas e cenários para variadas histórias. Entre as paredes verdes e a infraestrutura caindo aos pedaços, aquele lugar carrega um grande seio de cultura.



Lembro das festas da família da gente sendo ou casa de vovó ou no Veneno, lembro de ver pessoas de preto, rockeiros e emos em alguma festa temática de rock nos anos 2000, lembro até de comício político sendo realizado lá. Quase um bombril de experiências culturais. E, na casa de vovó, era mais como um lugar repleto de afeto, amor e família. Um lugar de conforto.

Inclusive, estes eventos me trouxeram outra lembrança: batata frita. Mas calma que não é qualquer uma. A batata da Vovó Marluce. Minha avó que vendia as melhores batatas do mundo, sequinhas, salgadas no ponto certo e de um amor e afeto tão grande que apaixonou vários clientes e fez muito sucesso desde os anos 90. O legado de vovó nas batatas era tão grande que ela mobilizou toda a rua a comercializar ainda mais lanches e novas lanchonetes. Novas barracas foram abertas, outras lojas foram inauguradas, mas a batata frita igual a dela ninguém faz.



Hoje, por questões de saúde, vovó não vende mais batatas, mas o amor, a lembrança e a memória estão vivas em nossos corações. Batata para minha família tem outro significado e para o resto de nossas vidas vamos lembrar.

Te amo muito, vó <3

ESCADARIA

Minha Escadaria Colorida: Uma História de Afeto e Mudanças

Hoje eu quero compartilhar um pouquinho da minha história com vocês. Eu moro numa escadaria, o lugar onde eu nasci há vinte e dois anos. Imaginem só a quantidade de memórias e sentimentos que eu tenho aqui, é algo realmente especial para mim. Nunca me mudei para nenhum outro lugar, exceto por um curto período quando era criança, quando fui morar com minha avó.

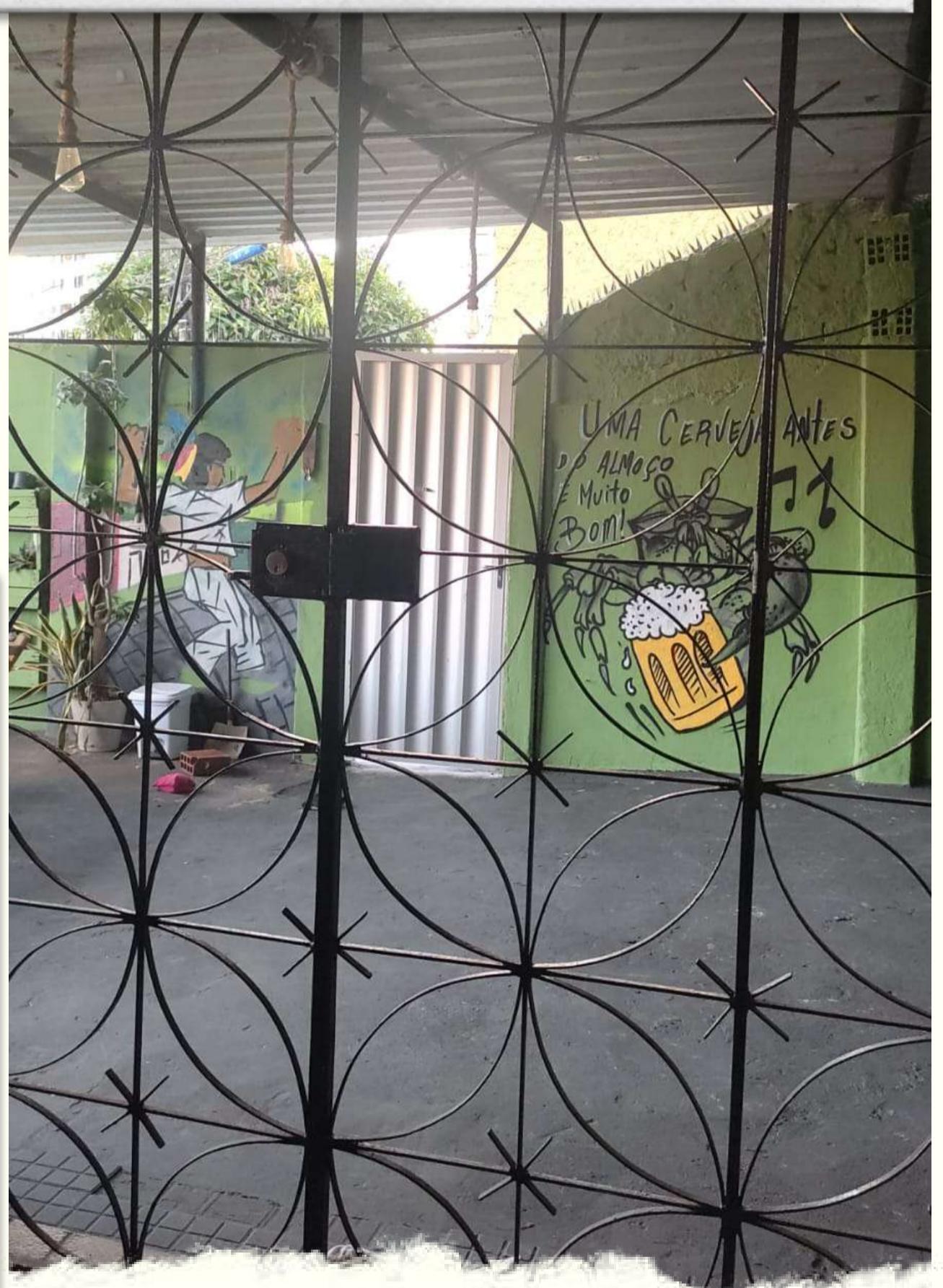
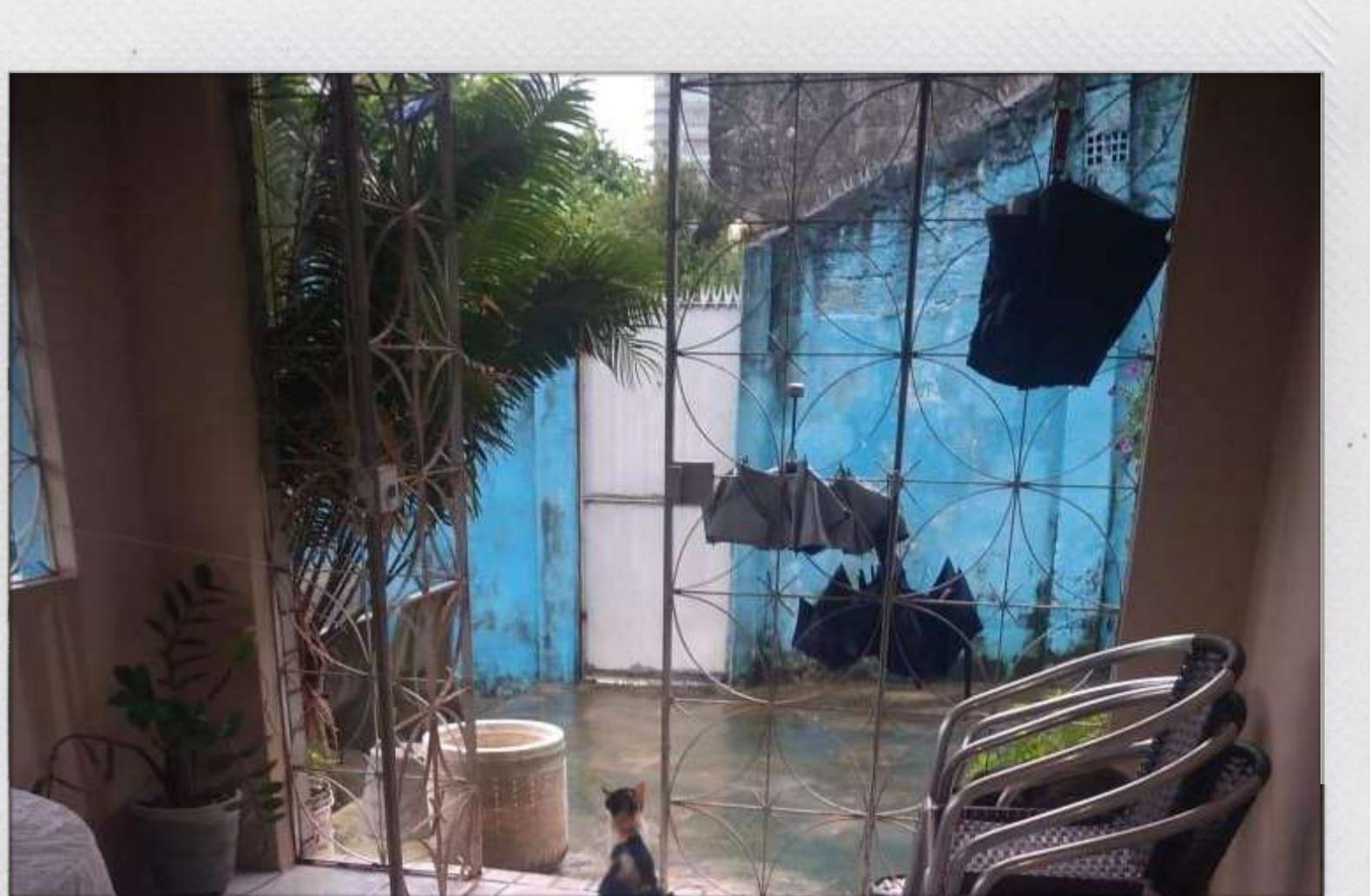
Aqui, onde moro, tem duas escolas, uma em cima, Draomiro Chaves Aguiar e outra embaixo, Nilo Pereira. O movimento de alunos subindo e descendo as escadarias sempre me fazia sentir parte de uma comunidade. No entanto, havia um problema: a segurança. Assaltos eram comuns, o que nos deixava apreensivos. Mas recentemente, algo incrível aconteceu. A rua está mudando. Não uma simples reforma, mas uma verdadeira revitalização. As escadarias estão sendo pintadas pela primeira vez, e foi algo decidido após uma reunião com os moradores e a prefeitura de urbanização. Pedimos o básico: mais segurança e iluminação.

Apesar de todo amor pelo meu lar, tenho pensado na possibilidade de mudar para outro lugar. Afinal, morar numa escadaria dificulta bastante ter um carro ou uma moto. Subir e descer as escadas carregando compras e mantimentos pode ser uma verdadeira maratona. Minha mãe, por exemplo, tem cinquenta anos e, pensando no futuro, será mais difícil para ela lidar com essa situação. No entanto, mesmo com esses desafios, minha casa continua sendo meu refúgio, meu lugar especial.

Agora, com as mudanças acontecendo ao nosso redor, sinto que, de alguma forma, estou sendo preparado para novos capítulos na minha vida. E quem sabe, talvez um dia eu encontre um novo cantinho que me proporcione o mesmo amor e segurança que sinto aqui.

Mariana Nobre,
da Rua Altino





BECO SEM SAÍDA

Vovó,

Escrevo estas palavras com saudade e gratidão, relembrando os dias que passamos juntos na casa que, para mim, sempre significou segurança e amor. Cada canto daquele espaço estava impregnado com as memórias da minha infância.

A lembrança da tristeza que nos atingiu quando fomos forçados a sair da nossa casa é como uma ferida que nunca cicatriza completamente. Ver a justiça nos tirar daquele lar que significava tanto para todos nós foi um golpe duro, algo que balançou a estrutura da nossa família. Não era apenas uma casa, vovó, era um ninho de amor onde todos nós crescemos e aprendemos os valores que nos tornaram quem somos hoje.

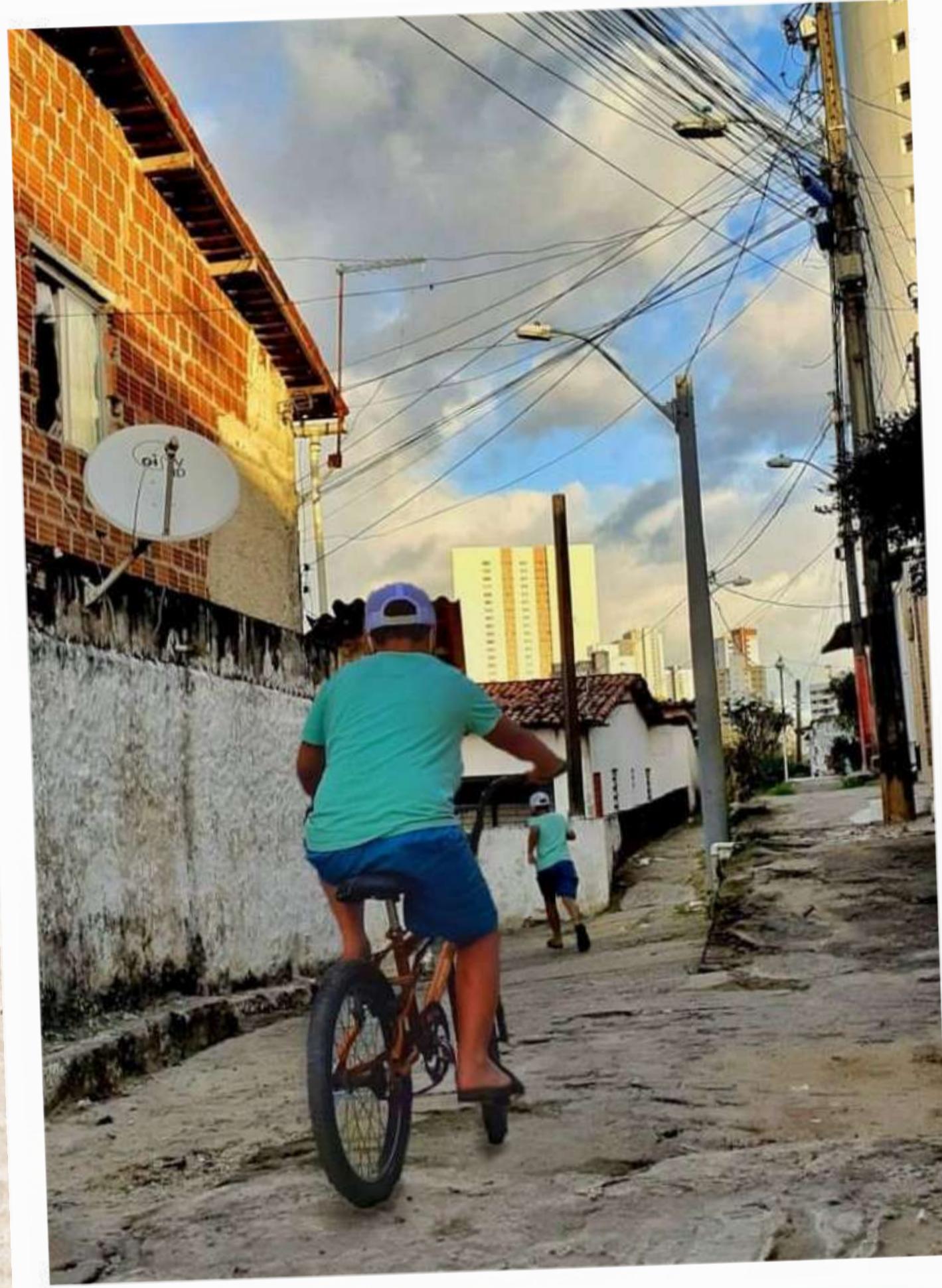
Sinto que, de alguma forma, aquela casa era uma extensão do seu coração. Seu cuidado, seu amor, sua sabedoria passava por cada parede e cada móvel. Você nos ensinou que o verdadeiro lar está no amor e no cuidado, não nas paredes que nos cercam. Lembro-me da sua luta para preservar o que tínhamos, e como seu olhar se perdeu quando finalmente tivemos que deixar nossa casa para trás.

Apesar de termos nos mudado, sinto que o espírito do Alto Santa Isabel, a essência daquela rua, permanece viva dentro de mim. O amor pelo Alto, pelo nosso lar perdido, é algo que carrego profundamente em meu coração. Não é apenas uma casa, vovó, é uma parte de quem somos.

Escrevo esta carta não apenas para relembrar os dias felizes que passamos naquela casa, mas também para lhe assegurar que, mesmo que não estejamos lá fisicamente, o amor e a força que nos deu continuam a nos guiar. O Alto pode ser um lugar físico, mas para nós, é um estado de espírito, é a conexão que compartilhamos, não importa onde estejamos.

Com todo o meu amor e saudade,
Juliana Amara.

-da Rua Carolina



VIELA

Felix, da Rua do rio

Vivências coloridas

É de fato um privilégio poder ter sido criança antes da era digital. Um privilégio ainda maior é ter crescido em uma parte da periferia onde o perigo não era recorrente. As dinâmicas ao ar livre, respirar ar, ser livre, estão marcadas na minha memória. Se sujar de lama num domingo a noite, usando aquela roupa engomada e levar uma pisa quando é avistado pelos pais... Quem nunca?

A questão sexualidade foi apresentada a mim na rua também, quando a separação de gênero condicionada pelas estruturas entram em cena, sejam por pais apresentando ou crianças representando. Eu, como um menino até então gay, preferia e era automaticamente colocado junto com as meninas. Não de forma orgânica, claro, era com piadinhas e desprezo. O que eu não entendia, pois pessoalmente, achava as meninas superiores. “Estão me rebaixando por estar com as superiores?”, eu me questionava.

Ingenuidade de criança. O rebaixamento era por ter abdicado do homem, que para eles era o superior, e me contentar com elas.



Dizem que a maturidade vem primeiro para as meninas. Em partes concordo, pois a vida bate mais forte nelas. Mas também bate forte em nós, gays afeminados; a vida nos é apresentada como esse desafio, essa luta. A rua não tem dó ou piedade, os beijos se estreitam quando passamos, a multidão se dissipa quando estamos, os pais olham torto quando caminhamos.

Hoje, aos 20 anos, ainda estou aqui. Mesmo corpo e mesma rua, mas com diferentes hábitos, é claro, pois a consciência social me fez tomar de volta meu espaço. Empurro os que querem me estreitar ainda mais nas vielas. Luz na passarela, que lá vem ela.



CALÇADA

Quinta-feira, 28 de setembro de 2023

Hoje, mais uma vez, cheguei em casa por volta das sete da noite, fiz minha refeição, tomei um banho, e fui para o quarto. Ali, já exausta, tratei de cansar ainda mais minha mente e minha retina, me afogando num universo virtual cheio de vazio. Talvez, me distanciando do que está perto de mim.

Foi então que lembrei de como era minha rotina noturna na infância. Há 15 anos atrás, por exemplo, sete da noite era o horário que, junto com meu avô, eu estava na frente da casa dele observando o movimento da rua. Todas as noites, religiosamente, Severino sentava na calçada na sua cadeira branca de plástico, com a pequena Mariana, na sua cadeirinha amarelada. Ali permanecíamos por horas a fio, sob a luz amarela dos postes.

Seu Biu, como era conhecido, morava há muitas décadas nesta rua e era bastante popular, então cumprimentava ou era cumprimentado por todo mundo que passava na rua. Algumas pessoas paravam e conversavam, outros vizinhos às vezes até vinham sentar junto. Tinham também as pessoas que ele colocava apelido e fazia piadas internas comigo, porque ele era do tipo de perder o amigo, mas nunca a piada.

Além disso, sempre dividíamos algumas laranjas mimo-do-céu, minha preferida. Lembro como hoje dele estendendo o pano de prato no colo para descascar as laranjas, e logo após cuspirmos todos os caroços nesse mesmo pano. Lembro que ele sempre tinha uma camiseta estendida no ombro e a utilizava para cobrir o rosto quando os ônibus passavam soltando fumaça. Lembro até dele me mostrando os ratos de esgoto que passavam para lá e para cá no rego do outro lado da rua. Lembro de cada detalhe.

Assim como a maioria das crianças da periferia, o ambiente que eu mais transitava na minha infância era o lugar onde morava. Não precisava sair daqui pra fazer quase nada. Podia brincar na rua, ir ao mercado, na escola ou tomar um sorvete, tudo no mesmo lugar. Mas, sem dúvidas, foi meu avô quem me apresentou meu território, meu bairro, minha rua.

Por causa dele, conheci meus vizinhos pelo nome, aprendi a jogar conversa fora, entendi o que é ser bem quisto no lugar onde mora. Sentar diariamente na calçada da casa 139 moldou minha forma de observar a dinâmica da cidade, a partir do meu olhar infantil e da relação que criei com minha rua e tudo que a compõe.

Infelizmente, com o tempo, esses hábitos foram se perdendo.

Há dez anos, em 2013, o wi-fi estava começando a ser implementado nas casas da comunidade, smartphones com acesso à internet estavam fazendo sucesso, e as redes sociais ganhando cada vez mais força. Coincidemente, foi nesse ano que meu avô morreu, e eu troquei a rotina de estar na rua para me trancar no quarto com um celular.

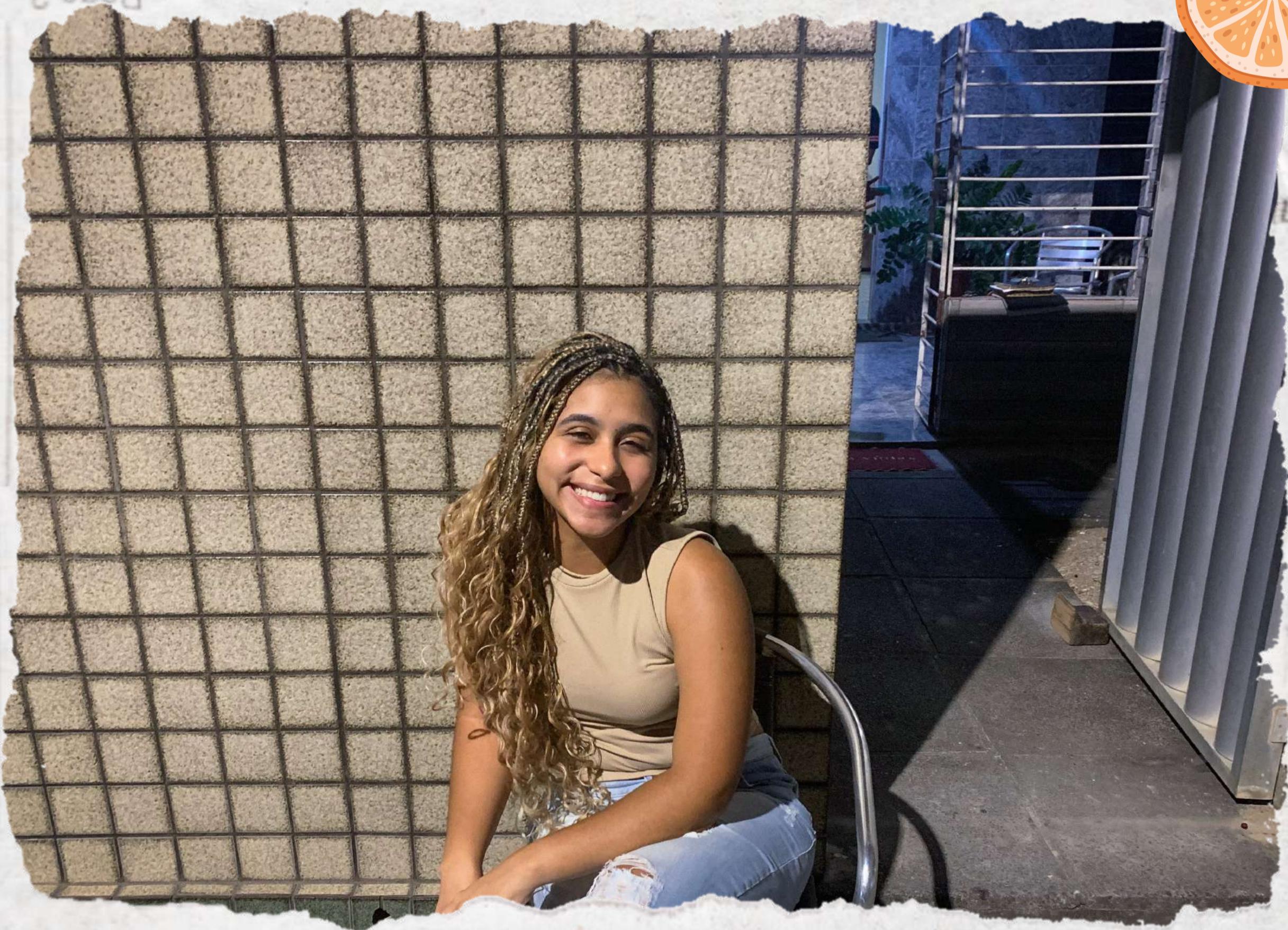
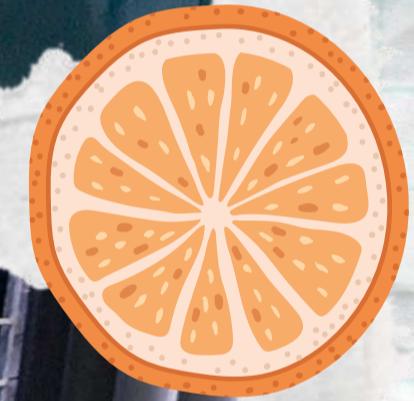
Os vizinhos com a faixa etária do meu avô também foram morrendo pouco a pouco e deixando as calçadas vazias. Há quem diga que a comunidade ficou mais perigosa e não é mais tão seguro ficar na rua até altas horas jogando conversa fora. A nova geração de crianças já não brinca na rua como as crianças da minha geração. Tudo mudou.

Hoje, enquanto escrevo esse texto, sinto saudade da Rua Pastor Evangélico Benoby Carvalho de Souza, mesmo ainda morando aqui. Eu gostaria de chegar da faculdade amanhã e ir sentar na calçada junto com meu vô Biu, mas isso não é mais possível. Então, talvez, eu precise experimentar disso novamente, mas dessa vez sozinha, para lembrar que ainda habito essa rua que me habita.

Texto por Mariana Gonçalves



Page 2



Miller and Joint Bookings

O meu lugar é caminho de Ogum
e lansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

– Meu lugar, de Arlindo Cruz

Trabalho produzido para a disciplina Jornalismo
Multimídia Especializado em Cultura

ENTRELACOS

ENTRELACOS

memórias periféricas

Universidade Católica de Pernambuco
Curso de Jornalismo
Professora Adriana Dória